

**Resenha do livro:****NOSELLA, Paolo. A escola de Gramsci. 3.ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez, 2004.***Resenha por Cristiane Aparecida Baquim**Universidade Federal de São Carlos***A Atualidade da Escola de Gramsci**

Existe espaço para Gramsci no atual mundo da globalização? Faz sentido difundir no mercado da pós-modernidade um intelectual comunista da primeira metade do século XX? Como resposta a estas indagações, Paolo Nosella assume o desafio de reeditar “A Escola de Gramsci”, acreditando que “os horizontes socialistas podem afastar da humanidade a ameaça de uma barbárie trágica e definitiva”.

Sem dúvida, hoje mais do que nunca, as categorias construídas por Gramsci e a lição de método que nos proporcionou, como bem nos lembra Dermeval Saviani na apresentação a esta 3ª edição (revista e atualizada), nos auxiliam na busca pela superação dos problemas políticos, sociais, econômicos, culturais e educativos cada dia mais acirrados. Se, como Gramsci, almejamos a formação de homens verdadeiramente livres, este livro chega em boa hora à sua 3ª edição, e se consagra como uma leitura indispensável.

Nosella, além de fazer um balanço dos dez anos que se passaram desde a 1ª edição deste livro, com relação à leitura que os educadores brasileiros fazem e fizeram dos textos de Gramsci, busca contar aos mesmos o que Gramsci escreveu sobre a escola, utilizando-se do método histórico-filológico para “traduzir” os seus textos<sup>1</sup>. Destaca ainda, no epílogo, como deve ser a leitura de Gramsci após a queda das Repúblicas Comunistas do leste europeu.

O livro está didaticamente dividido em quatro partes que destacam, de acordo com o momento político-teórico em que Gramsci estava envolvido, os textos mais significativos do autor referentes às questões educacionais e escolares, quais sejam:

1ª parte: Escritos durante a 1ª Guerra Mundial (1914 - 1918);

2ª parte: Escritos do Pós-Guerra (1919 - 1920);

3ª parte: Escritos durante a ascensão do fascismo (1921 - 1926);

4ª parte: Escritos do Cárcere (1926 - 1937).

**Parte I: A Escola do Trabalho (A 1ª Guerra, 1914 - 1918)**

Nesta primeira parte Paolo Nosella destaca os anos em que Gramsci e seu grupo começam a marcar posição revolucionária no debate político da Itália, defendendo uma “neutralidade ativa e operante” na guerra, tendo como “estratégia de ação preparar efetivamente, a médio e a curto prazo, os quadros necessários à tomada do poder estatal por parte do proletariado italiano.” E para preparar esses quadros dirigentes, fazendo com que sejam capazes de realizar a difícil tarefa de governar, Gramsci propõe a escola “desinteressada” do trabalho, contrária à cultura abstrata, enciclopédica e burguesa, bem como à escola profissionalizante, imediatista e utilitária.

Contrapondo-se ao Ministério da Educação italiano, que diz pretender renovar a escola por meio da unidade do trabalho com a cultura, Gramsci escreve pelo menos quatro

---

<sup>1</sup> Em função das problemáticas traduções da obra de Gramsci no Brasil, Paolo Nosella irá utilizar apenas as edições italianas para a elaboração deste livro, se responsabilizando pelas traduções nele apresentadas. Entretanto, ele próprio, nesta 3ª edição, escreve que “*não poderia deixar de citar a nova tradução e edição organizada por Carlos Nelson Coutinho, Marcos Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriquez, da Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2000.*”

importantes artigos sobre a questão, mostrando o caráter “interesseiro” das propostas do Estado e reafirmando que a Escola do Trabalho deve ser “desinteressada” e não “interesseira” como quer o Estado italiano. Aqui Nosella faz uma análise comparativa com o ensino profissionalizante brasileiro, que foi sempre marcado pelo discurso “interesseiro” e por propostas que desqualificam tanto a formação profissional quanto as condições de trabalho nas instituições públicas.

Em 1916 escreve o artigo “Homens ou Máquinas?”, onde inclusive se faz uma leitura crítica do programa escolar do PSI<sup>2</sup>, insistindo na necessidade de uma escola de cultura desinteressada para o proletariado. No mesmo ano publica o artigo “A Universidade Popular”, uma “espécie de carta magna de sua geral concepção metodológico-didática de escola”, tomando partido em favor do método historicista e investigativo em contraposição ao enciclopédico e doutrinário.

A Revolução Russa em 1917 vai redimensionar a posição de Gramsci, reforçando sua estratégia de ação revolucionária. Também os acontecimentos transcorridos em Turim, que o levam inclusive a assumir a direção do jornal “O Grito do Povo”, influem no seu amadurecimento intelectual e o fazem transitar de posições polêmicas e de oposição, para o campo das propostas. Nesse sentido, propõe a criação de uma “Associação de Cultura” para os operários residentes em Turim, quase todos migrantes das regiões mais pobres da Itália.

A Iª Parte, do livro e da sua trajetória, termina demonstrando como Gramsci consegue transformar o pequeno semanário “O Grito do Povo” em uma importante revista de cultura e pensamento, com caráter formativo para a classe proletária, mas sem tratá-la como uma criança que precisa ser doutrinada por meio de uma linguagem e de um raciocínio pobre e panfletário.

## ***Parte II: A Escola de Quadros (o pós-guerra, 1919 – 1921)***

O contexto histórico do período pós-guerra fortaleceu o PSI, que chegou ao final de 1919 com 156 deputados. Para Gramsci e seu grupo esse Partido ainda não compreendera com clareza as possibilidades da revolução e a necessidade de dar forma política às massas “revolidas”<sup>3</sup> pela guerra. A fim de suprir essa carência, fundam a revista semanal de cultura socialista “Ordine Nuovo”, para elaborarem coletiva e efetivamente uma *proposta* de política nacional, que integrasse o mundo do trabalho com o mundo da cultura, tendo como ponto de partida o trabalho industrial moderno, a fábrica; que, afirma, deveria “educar” até mesmo os partidos e sindicatos, por meio de suas instâncias organizativo-culturais de base historicamente socialistas.

Por causa desse princípio, Gramsci sempre defenderá a grande indústria, apesar de condenar sua direção e a forma social de distribuir as riquezas. A grande indústria é para ele o “grande útero histórico” que irá “forjar o novo homem e a sociedade socialista futura”. A concepção educativa de Gramsci passa, portanto, pela idéia de educar a partir da realidade viva do trabalhador e não de doutrinas frias e enciclopédicas.

Com base nessa concepção, ele e seu grupo criam uma escola de cultura em torno da revista Ordine Nuovo (dezembro de 1920), com o objetivo de formar os intelectuais do futuro novo Estado Socialista, que fossem técnicos e políticos da produção moderna, única base objetiva da liberdade universal. Nosella nos lembra que a autêntica escola do trabalho é aquela que se inspira no espírito da laboriosidade do trabalho moderno, ou seja, a organicidade entre fábrica e escola deve ocorrer em nível de método e não de técnicas, a fim de que cada qual mantenha sua especificidade e objetivos, mas inspirando-se e iluminando-se mutuamente. Naturalmente, a efervescência ideológico-revolucionária desse momento é consoante à idéia difusa na sociedade de que a revolução socialista era não só possível, mas provável e até

<sup>2</sup> Partido Socialista Italiano

<sup>3</sup> Expressão metafórica referente ao arado que revolve as terras inverniais preparando-as para a semeadura primaveril.

mesmo a curto prazo. Por isto, vários historiadores italianos chamam o período de Biênio Vermelho.

Mas o processo de acirramento da repressão por parte do Estado liberal, que cada vez mais reprimia as manifestações revolucionárias, fez com que Gramsci se convencesse da diferença existente entre a sociedade civil italiana (e seu aparelho político), e a realidade russa; o que promoveu uma virada em sua reflexão. Seu objetivo agora é estudar e conhecer a fundo essa sociedade, em cujos fios a revolução terá que ser entrelaçada, pois a via italiana para a revolução ainda não tinha sido encontrada.

### *Parte III: A Escola do Partido (ascensão do Fascismo, 1921 – 1926)*

O biênio 1921-1922 será marcado pela instalação do “terror branco”, o fascismo, que desmantelou os planos revolucionários de Gramsci e de seu grupo. Estes não foram “seduzidos” por Mussolini e, por isso, também foram violentamente perseguidos.

Nesse ínterim, Gramsci participa do grupo que se separa do PSI e funda o PC d’I<sup>4</sup> (1921), do qual se tornará membro atuante da direção. Diverge de Bordiga, 1º Secretário Geral do PC d’I, solidarizando-se com a 3ª Internacional que propõe a formação da “frente única” com todos os partidos democráticos, para lutar contra o fascismo.

Em 1921 escreve o comovente artigo “Homens de carne e osso”, defendendo os operários que haviam retomado o trabalho após um mês de greve e que foram acusados de traição à causa revolucionária, mesmo com a fome os arrebatando. E Gramsci chama a atenção daqueles que enxergam o Homem de forma transcendente, e não em sua forma imanente, com necessidades materiais a serem supridas.

Em 1922 parte para Moscou a fim de cuidar de sua saúde e representar o PC d’I no Comintern. Toma contato com as discussões sobre o Trabalho como Princípio Educativo, assim como sobre a Escola do Trabalho, o Fordismo e o Americanismo. Enquanto isso, na Itália, Mussolini promovia a “Marcha sobre Roma”, se tornava 1º Ministro e começava a caçar subversivos, internacionalistas e comunistas. Assim, contra Gramsci foi exarada a ordem de prisão. Segue-se um período em que não pôde voltar à Itália. Só mais tarde, como deputado pela região de Veneza, portanto com imunidade parlamentar, assume a direção do PC d’I, após a prisão de Bordiga. Os anos que se seguem o levarão a refletir sobre a necessidade de não apenas reunir os “Conselhos de Fábrica”, mas sim agregar o camponês ao operário, sob a hegemonia deste, numa “poderosa organização do proletariado”: a foice e o martelo.

Para formar os quadros do futuro Estado proletário, agora não mais contando com um regime de liberdade, Gramsci pensa numa escola por correspondência. Reconhece porém que essa não é a melhor fórmula pedagógica de formação, sendo apenas a possível no momento. E será Gramsci o responsável pela redação da 1ª e da 2ª apostilas que orientaram tal curso, que saíram em abril/maio de 1925, sob clima de ilegalidade e imensa repressão.

Por isso, nos escritos desses anos a escola aparece restrita aos militantes e nela rejeita-se a “cultura desinteressada” tão defendida nos anos de guerra, no biênio vermelho e mais tarde no cárcere. Isso porque o clima de terror fascista não permite o estudo e o debate mais abertos. O que é preocupante. Portanto, não há incoerência em sua forma de pensar a escola, mas apenas um adaptar-se à situação de ilegalidade e perseguição. Aliás, preocupa-o o fato que essa escola doutrinária possa criar maus hábitos nos militantes, podendo deixar neles seqüelas negativas a médio e longo prazo. Gramsci ainda acredita que só a “escola do trabalho de cultura ‘desinteressada’ é capaz de formar profundamente os homens aptos a exercer com competência a hegemonia”. O método didático deve priorizar a experiência individual do

---

<sup>4</sup> Partido Comunista Italiano

trabalhador, como ponto de partida para estudo e análise à luz de categorias teóricas mais amplas, complexas.

Antes do cárcere, Gramsci elaborou estudos sobre a questão agrária e se opôs a Togliatti e ao PC Russo na questão de expurgar do Partido companheiros da oposição, para o que se posiciona contrariamente. Em 08 de novembro de 1926, em desprezo às imunidades parlamentares, é preso e posto na cadeia, a fim de que sua inteligência fosse calada pela força.

#### *Parte IV: A Escola da liberdade industrial (Cárcere, 1927 – 1937)*

Nesta última parte do livro, Nosella buscou retratar a intensa e vasta obra produzida por Gramsci no cárcere, de onde “espiava” a história acontecendo “lá fora” e dela ouvia comentários breves e incompletos. Escreve inúmeras cartas e 29 cadernos que contêm a grande síntese de seu pensamento. Se as Cartas têm um teor mais aderente ao cotidiano, os Cadernos são textos de maior aprofundamento teórico.

Das 428 cartas publicadas (*Lettere dal Carcere*. Ed. Einaudi, 1965), Nosella selecionou 48, por serem as que tratam mais especificamente de assuntos educativos. É especialmente prazeroso ler esse capítulo, porque nele mescla-se a trágica história da vida pessoal de Gramsci com alguns excertos que expressam com particular vivacidade a sua posição intelectual. Por exemplo, aparecem no decorrer do capítulo as seguintes idéias de Gramsci a respeito do processo educativo e da escola: escola como “círculo de cultura”; educação científica e cultural sem a perda do vínculo com o senso comum; trabalho como princípio pedagógico; crítica à omissão dos adultos para com a educação da criança; estabelecimento de uma estratégia educativo-disciplinar; escola com orientação do tipo renascentista, mas jamais precocemente profissionalizante; seriedade no tratamento da “criança concreta”; necessidade de unir organicamente o reino da necessidade com o da liberdade.

Os Cadernos foram escritos tendo como tema geral a origem e a função histórica dos intelectuais italianos, no intuito de analisar o “espírito popular criativo em suas diferentes fases e graus de desenvolvimento”. Entretanto, nos adverte Nosella, devem ser lidos sem uma cobrança científico-acadêmico, visto que foram escritos em duras circunstâncias da vida no cárcere.

O conjunto dos Cadernos foi redigido em três momentos ou fases, fortemente influenciados por seu frágil estado de saúde:

**1ª fase:** anotações heterogêneas ou miscelânea.

**2ª fase:** algumas anotações miscelâneas e os cadernos especiais.

**3ª fase:** organização de anotações e continuação dos cadernos especiais.

O Caderno nº 12 (Apontamentos e Notas Esparsas para um Conjunto de Ensaios sobre a História dos Intelectuais – 1932 – especial), elaborado durante a 2ª fase, trata especificamente de questões educacionais. Nosella diz, porém, que os Cadernos nº 22 (Americanismo e Fordismo) e nº 11 (Introdução à Filosofia) fundamentam sua conceituação de Escola Unitária do Trabalho.

O Caderno nº 12, na verdade, é uma proposta educacional do Partido Comunista para a sociedade italiana, a ser implementada quando os comunistas conquistassem o Estado. E nesse sentido, busca definir e/ou conceituar os intelectuais orgânicos e os tradicionais, sendo que estes últimos busca Gramsci compreender melhor, a fim de analisar a influência cultural que historicamente exerceram sobre as massas italianas. A *escola unitária*, deve se inspirar no trabalho industrial moderno, tendo por base o resgate do princípio educativo da “cultura desinteressada” até os 16-18 anos para, após essa idade, integrar-se com o princípio educativo próprio das escolas profissionais, isto é, com o trabalho técnico-profissional. Mas ressalta que

esta escola se efetiva *paripassu* com a realização de uma sociedade também unitária, coordenada pelo Estado e que tenha esse objetivo.

Por fim, cabe destacar o quão importante é aprender com Nosella sobre o método de leitura das obras de um Autor, cujas idéias devem ser situadas e compreendidas à luz dos acontecimentos históricos, da realidade objetiva em que vive, para que nossa interpretação não seja dogmática ou autoritária e possa responder aos reais interesses da produção intelectual de nosso tempo. Ler “A Escola de Gramsci”, além de prazeroso, é um exercício de repensar nossa “utopia” educacional, para revigorá-la e não para desvirtuá-la, isto é, para tomar novo alento e continuar no caminho da liberdade do pensar e do fazer humanos.